

# **SINOPSE DE UM CÉU PARA JOSIMA**

L.SOUSA

A protagonista do primeiro conto que empresta o nome ao livro é uma senhora de cor que vai experimentar o fenômeno da imortalidade, mesmo após ser esmagada por um bloco de granito de duzentas toneladas, que rolou no Morro da Mariquinha em 2011 no decurso de muito estrago causado por volumosa chuva. Nele estão presentes dois extremos de perspectiva do autor, o concreto e a ficção. O concreto, que sempre tenta nos esmagar. E o sonho, que sempre nos alivia do peso da realidade.

Um Céu para Josima é o texto que abre e dá o título à obra. Trata-se de uma narrativa que sublinha as humildes crenças de uma pobre negra velha até a hora que a realidade implacável lhe desfigura a alma. Um bloco de granito leva-lhe a vida no interior de sua morada no Morro da Mariquinha. Mas, Josima reaparece num outro local muito parecido com o que vivia. E aí está a intensão desse conto, pois vai revelar o autor diante dos mistérios da ressurreição bíblica apaziguada pela discutida existência de mundos paralelos da física quântica, que Hugh Everett III em 1956, na defesa do seu doutorado na Universidade de Princeton de Nova Jersey, chamou de formulação do "estado relativo", ou teoria dos muitos mundos.

## **UM CÉU PARA JOSIMA**

Na portaria do Hospital de Caridade, João Batista lia o jornal com a história de uma pedra enorme que ameaçava os moradores no Morro da Mariquinha. De estatura mediana, o homem era quase um monte de ossos que, quando sorria, dava a impressão de só ter dentes no rosto. Ainda assim, sempre amanhecia dali o que aquele radiante negro tinha de melhor: o sorriso amistoso. Isso lhe rendia amizades. Diziam que ele tinha o dom da cura pela imposição das mãos. E que era um conselheiro que benzia. Naquele morro, tinha ele a sua boa fama conquistada ao longo do tempo. Absorto, lia a reportagem com atenção, pois conhecia umas pessoas que eram ameaçadas pela pedra da reportagem. E uma delas era a sua prima Josima, bondosa preta velha que não conseguia esconder o medo de morrer esmagada. Dizia ela ser um medo que lhe viera no sangue da mãe. Um medo de família que, ao procurar vencê-lo, às vezes faziam-na tomar atitudes que podiam surpreender. Havia mais de quarenta anos que tinha descido o morro em busca de um médico. A experiência não foi boa e no centro da cidade nunca mais voltou. Achava que o doutor ia lhe dar uns remédios para tirar-lhe as comichões do corpo. Mas ao invés de dar, ele pediu uma batelada de exames que a desanimou. Diante disso, a mulher procurou João Batista que diagnosticou ser alergia. O primo era daqueles que visitava as pessoas como se fora um médico de família. Daí em diante sempre chamava o amigo João para se consultar. Numa determinada noite, ao chegar em casa dessa mulher, Batista organizou um ritual místico do lado de fora rodeando a morada. Era um trabalho de proteção da casa e de tudo que havia dentro dela. Trotando um cavalo imaginário, passava diante da imagem de São Jorge bem colocada ao pé do granito ameaçador. O homem cavalgava de olhos fechados. A imagem do venerável santo guerreiro ali permanecia como se pretendesse afrontar o monstro granitoso que sobressaltava o frágil mundo da

humilde mulher. João Batista recomendou que à noite, ao pé da imagem, sempre houvesse uma vela acesa para iluminar o que estava invisível no entorno. Depois de rodear a casa, o benzedor entrou na casa para terminar o trabalho de libertação do espírito e cura do corpo.

Toda vez que João Batista a visitava, a mulher percebia algo que nunca entendia. A despeito de estarem somente os dois no recinto, ela enxergava três sombras revolteando no chão. Nunca chamou a atenção do primo para saber que mistério era aquele, pois de mistérios ela estava com a vida cheia. Mas o bruxo negro percebia tudo e recomendava para ela nunca se esquecer que os humanos nunca estão sós. E isso ia reforçando na mulher a crença nas coisas do outro mundo, local onde depositava sua mais forte esperança, porque neste mundo ela sentia-se abandonada.

Veio a temporada das chuvas e, numa noite barulhenta, Josima entrou em oração e quase nem se alimentou de tanto empenho. O interior da humilde casa rescendia arruda. A cada riscada de raio no céu escuro, ela emitia um grunhido grave como a dizer que respeitava o raio. A cada novo estrondo do senhor do medo, ela emitia outro som grave para dizer que concordava com o trovão. Nas agia assim porque tinha era medo. E então falou algo como: "Fica-te aí, pedra que não te quero. Tu hás de um dia rolar, porém hoje não". Ao fechar a fresta, espargindo arruda molhada na direção da pedra, desejou que não fosse aquele o dia de sua morte. Se João Batista estivesse no recinto, era capaz de cair na risada diante da saudação respeitosa da mulher. Ele sabia que nem sempre o céu atende as sinceras preces dos bons. Sabia mais, que Deus prefere atender ao que lhe pede a natureza, ao invés dos impensáveis pedidos dos humanos. Não era porque ela era velha, pobre e inofensiva que Ele iria dar-lhe lugar refrigério. O feiticeiro bem sabia que o perfil inofensivo só se instaura porque não tem chance de ser perverso. E mais, pregava que a justiça do céu pouco tem a ver com a bondade das velhinhas que vivem rezando. Com olhos de ver a dureza na poesia, Josima pensava contra si: "Aquela pedra está por um fio. Se rolar, me leva. O engenheiro diz que não rola, mas se ela quiser, ela vem e me leva com o segredo que parece guardar. Desconfio que essa medonha seja inimiga da minha alma. Cara de malvada ela tem. Ameaça a gente toda vez que chove. O melhor é sair daqui o quanto antes, porque sem medo não se cria coragem nessa vida".

Ela temia a própria mortalidade, mas a cultura escravocrata lhe oferecera crenças e rituais que a protegiam desse medo. Jamais via suas crenças ameaçadas. Um ataque a elas despertava-lhe o medo básico da morte. E acordar esse monstro ia fazê-la capaz de tomar decisões que nunca tomaria em sua vida cotidiana. Atravessar esse limiar do terror ia deixá-la disposta a morrer para preservar suas crenças porque, acreditava, era somente isso que podia continuar vivendo depois dela própria. Vivendo naquele morro parecia ter mais ligação com a África distante do que com a cidade onde nascera. Ela precisava acreditar em algo que iria viver depois que morresse.

Entretanto, o barulho da chuva lhe tirava a atenção do quintal. Ela abriu uma fresta na janela para vigiar o correto plantão de Oxossi, o senhor da mata escura. A chuva seguiu virando enxurrada com vontade de levar tudo por diante. Ameaçava os bichos, o morro, a pedra, a casa, as pessoas. Fora das calhas, a água se esparramava por onde pudesse correr. Água já depositada em cima dos telhados e sobre a grave

pedra, enfraquecendo-lhe os contornos. Não se escutavam mais as pessoas, somente o estardalhaço da chuva desenfreada. O dilúvio revelava um clima de emergência, como se algo ruim estivesse acontecendo. E então, por determinação de Xangô, que mora nas pedreiras e é o senhor das tempestades, a hora fatal da negra velha chegou. Atônita, ela ouviu um forte estalo vindo da direção da pedra tão vigiada. Foi tão grande que Josima escancarou a janela para examinar o estrago. Imediatamente um mormaço abafado perpassou-lhe o corpo enxugando toda a água nele contida para sentir a boca seca. Percebeu não mais um cheiro de arruda, mas um agradável perfume de alfazema. Sentiu como se tivesse engolido uma jarra cheia de sol. Em paz, esboçou leve sorriso de compreensão, pois entendeu a correlação que submetia seu frágil corpo. Não havia ninguém por perto. A pedra não estava mais no lugar, havia descido morro abaixo e fora parar no meio da avenida. Sem saber como, viu-se colocada na sala da casa vizinha. Decorreram-se alguns segundos até conseguir redesenhar a sequência das cenas. E, quando o fez, entendeu que bem podia ter morrido. Para não ser surpreendida naquela sala estranha, saiu para ver a própria casa demolida e, se conseguiu escapar com vida, isso só podia significar que uma coisa: um milagre acontecera, porque ela estava viva. Um pouco mais abaixo, de outras duas casas só ficaram os escombros e os gritos de desespero. O rastro de destruição se apresentou como um tapete de horror estendido na encosta.

Os bombeiros falavam, mas ela não os entendia apropriadamente porque estava em choque. Aos poucos foi se acalmando e pediu para subir o morro porque não soubera como descera. Mas foi levada ao hospital para cuidar da perna fraturada. Percebeu que ali tudo havia se modernizado. Parecia outro estabelecimento no mesmo local. Era um hospital estranho, mas tudo rigorosamente branco e real. Enquanto aguardava uma cadeira de rodas avistou João Batista e perguntou-lhe:

— O que houve comigo?

E ele:

— Pode chamar de milagre, se quiser. Você muito trabalhou com o objetivo de se preparar para a morte e merecer o céu. Hoje você ressuscitou para seguir adiante.

— Estou apavorada, balbuciou diante de tanta revelação.

E João Batista arrematou com bondade.

— O segredo é deixar-se tocar pela vastidão da eternidade.